



ENTRE TINTAS, PALAVRAS E PERCEPÇÕES ÉTNICAS: RECONHECIMENTO DA CULTURA GUARANI NA PERSPECTIVA DO BEM VIVER

**Between paints, words and ethnic perceptions: recognition of Guarani culture
from a well-being perspective**

María Paula Obando **RODRÍGUEZ**
Programa de Pós-graduação em educação
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho – UNESP
Presidente Prudente, SP, Brasil
mpaula405@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6121-625X> 

Renata Junqueira de **SOUZA**
Programa de Pós-graduação em educação
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP
Minas Gerais, Brasil
renata.lit.junqueira@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2227-2544> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo contribuir para o reconhecimento da cosmopercepção da cultura Guarani e da língua Tupi, à luz dos princípios da prática filosófica do *bem viver*. Em virtude disso, propõe-se a análise da obra artística visual do pintor Xadalu Tupã Jekupe (2022) e da obra literária infantil *Poeminhas da Terra*, da escritora Márcia Leite e da ilustradora Tatiana Mões (2016). Em consequência, discorre-se sobre o campo teórico do *bem viver*, da educação artística e da literatura infantil como direitos fundamentais do ser humano. Na análise observou-se que pensar a prática filosófica do *bem viver* no contexto educativo contribui significativamente para a consolidação de uma educação plural e inclusiva e que a dita filosofia se reflete e espalha harmoniosamente tanto na composição artística do pintor, quanto na obra literária. Portanto, aproximar as crianças às duas obras propondo uma leitura enriquecida das mesmas, pode ampliar significativamente seu repertório cultural, visual e linguístico, fazendo-as parte de uma educação inclusiva erigida nos marcos do *bem viver*. Por fim, desenvolve-se uma proposta pedagógica para crianças entre os 4 e 5 anos de idade, levando em consideração as obras artística e literária.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Guarani. Bem Viver. Educação artística. Literatura infantil. Crianças.

ABSTRACT

This article aims to contribute to the recognition of the cosmoperception of the Guarani culture and the Tupi language, in the light of the principles of the philosophical practice of *well-being*. As a result, it is proposed to analyze the visual artistic work of the painter Xadalu Tupã Jekupe (2022) and the children's literary work *Poeminhas da Terra*, by the writer Márcia Leite and the illustrator Tatiana Mões (2016). Consequently, the theoretical field of good living, artistic education and children's literature as fundamental human rights is discussed. In the analysis, it was observed that thinking about the philosophical practice of good living in the educational context contributes significantly to the consolidation of a plural and inclusive education and that the said philosophy is reflected and spread harmoniously both in the artistic composition of the painter and the literary work. Therefore, bringing children closer to the two works, proposing an enriched reading of them, can significantly expand their cultural, visual and linguistic repertoire, making them part of an inclusive education built on the framework of good living. Finally, a pedagogical proposal is developed for children between 4 and 5 years old, taking into account artistic and literary works.

KEYWORDS: Guarani culture. Well-Being. Artistic education. Children's literature. Children.

INTRODUÇÃO

Uma das filosofias em auge mais conhecidas na atualidade é a do *Bem Viver*, *Buen Vivir*, *Teko Porã* ou *Sumak Kawsay*, no sentido original¹. Com sua gênese em algumas comunidades indígenas da região andina da América Latina, a prática filosófica e política do *bem viver* transcende as lógicas sociais atuais concebendo a possibilidade de habitar e existir no mundo de outros modos vivendo *plenamente e em bem-estar social, político e econômico*, como concebido nas comunidades indígenas Aymara da Bolívia e Guarani do Brasil; *em harmonia com a natureza e não contra ela*, como concebido na comunidade Kolla da Argentina e do Chile; *em permanente interdependência com o universo e a natureza*, no pensamento dos Kunas no Panamá; vivendo em *unidade entre a materialidade e o espírito*, como concebido na comunidade Arawak da Colômbia (RUÍZ *et al*, 2016), entre tantas outras conotações existentes nas comunidades indígenas da região latino-americana.

Se detivéssemos o olhar em qualquer dos significados previamente citados, provavelmente poderíamos elaborar uma ideia global do que seria a prática filosófica do *bem viver*, apontando indubitavelmente à instauração de outras formas de vida ou de mundos possíveis à margem da hostilidade, da violência, da contaminação e das problemáticas sociais atuais que contribuem com a infelicidade do ser humano. Não obstante, a abordagem teórica e epistemológica do *bem viver* vai além dessa possível aproximação quando estudada e analisada na sua materialização como parte fundante das constituições políticas do Equador (2008) e da Bolívia (2009).

A partir disso, identificam-se nos elementos constitutivos da proposta filosófica, alternativas às formas de organização econômicas, políticas, sociais e culturais já estabelecidas. Talvez seja a seção intitulada "Direitos do Bem Viver" da Constituição Política equatoriana do ano de 2008, um dos exemplos que ilustra com maior força e determinação os princípios e ideais da filosofia, aludindo a âmbitos como "os direitos da natureza" (Cap. 7), "aprendizagem de forma escolarizada e não escolarizada" (Art. 28) ou à "liberdade estética" como princípio do direito à cultura (Art. 21). Por sua vez, na Constituição Política da Bolívia defendem-se premissas como "educação intracultural, intercultural e plurilíngue" (Art. 78) ou "educação libertadora" (Art. 78).

Assim, inauguramos a escrita do presente texto nomeando apenas algumas das significações e abordagens da extensa e profunda proposta política e filosófica do *bem*

¹ Existem na região latino-americana múltiplas expressões para designar tal filosofia, nomeamos apenas algumas sendo o "Sumak Kawsay" uma das principais pois assim foi incorporada na Constituição Política do Equador.

viver para pensar duas manifestações artísticas fundamentais à luz desta enriquecedora filosofia: a pintura e a literatura infantil e o acesso livre a elas como parte do *bem viver* das crianças da nossa região em virtude da liberdade estética e da educação aberta, plurilíngue e intercultural das quais nos falamos as constituições dos países acima citados.

Posto isto, estabelecemos um diálogo entre a filosofia do *bem viver* partindo das contribuições de Ruíz *et al.* (2016), com os pressupostos sobre educação artística apontados por Alfonso Padilla (2001), transitando também pela abordagem sobre a literatura infantil, a leitura e a escrita como direitos do ser humano nas palavras de Silvia Castrillón (2003) e António Cândido (2011).

Nesse sentido, no presente texto propomos uma análise e a leitura do trabalho artístico do pintor Xadalu Tupã Jekupé estabelecendo uma conexão texto-texto (GIROTTO; SOUZA, 2010) com o livro infantil *Poeminhas da terra* da escritora Márcia Leite e a ilustradora Tatiana Móes. Escolhemos uma pintura do artista, produto do seu vínculo com a comunidade Guarani Mbyá, e o interesse em resgatar e reconhecer a própria ancestralidade. Não obstante, o(a) professor(a) ou mediador tem liberdade de escolher uma composição diferente.

Por sua parte, a obra infantil traz uma série de palavras originárias da língua Tupi que fazem do livro uma composição poética ao mostrar uma simbiose das palavras com as ilustrações.

Em virtude da análise elaborada, estabelecemos uma proposta metodológica para crianças entre os 4 e 5 anos de idade que permite aproximá-las à cosmopercepção dos indígenas da comunidade Guarani Mbyá e sua língua tupi-guarani de origem tupi, por meio de uma atividade de mediação de leitura da obra infantil e da produção artística do autor.

Na análise elaborada, observamos que a prática filosófica do *bem viver* se reflete e se espalha harmoniosamente tanto na composição artística do pintor, quanto na obra literária infantil na medida em que nelas há um reconhecimento da ancestralidade e da diversidade. Isto contribui significativamente com a igualdade social, a qual tem um estreito vínculo com o reconhecimento da diferença visto que reconhecer e aprender do caráter diferencial do outro implica pensar em formas enriquecidas de relação humana. Assim “a luta pela igualdade não pode estar separada da luta pelo reconhecimento da diferença” (SANTOS, 2011, p. 24, tradução nossa).

Por sua vez, observamos que aproximar as crianças às duas obras propondo uma leitura enriquecida das mesmas, pode ampliar significativamente seu repertório

cultural, visual e linguístico, permitindo-lhes acessar integralmente à referida prática filosófica.

A ARTE LITERÁRIA COMO PARTE DO *BEM VIVER*

Quando António Cândido escreveu o texto "O direito à literatura" (2011), definiu essa última de uma forma ampla e abrangente incluindo todo tipo de criação poética, ficcional ou dramática "em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações" (CANDIDO, 2011, p. 176).

De forma semelhante, Silvia Castrillón no texto "O direito a ler e escrever" (2003) assume a leitura nem como boa ou má, senão como "fato histórico, cultural e portanto, político, que deve se localizar no contexto no qual ocorre" (CASTRILLÓN, 2002, p 14). Vemos assim, nas duas definições proporcionadas, uma visão abrangente da literatura compreendida como uma construção social inerente ao desenvolvimento histórico do ser humano. Portanto, ela testemunha esteticamente não apenas as construções subjetivas do ser humano, mas também os contextos sociais, culturais e políticos em que se dão tais construções; em outras palavras, ela testemunha os modos de vida e as diversas existências que convergem no mundo.

Em virtude dessa ideia global da literatura, abordamos a literatura infantil como parte inerente da filosofia do *bem viver*, justamente por seu caráter aberto, criativo, ficcional, poético e dramático como já mencionado previamente, de acordo com Cândido (2011, p. 176-177):

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade.

Nesse sentido, entender a literatura – neste caso a literatura infantil- como parte integrante de uma vida plena e feliz, implica voltar de forma genuína ao trânsito da palavra para criar livremente, atribuir novos sentidos e significar o mundo fora dos limites e objetivos escolares e acadêmicos; ler literatura infantil é um fim em si mesmo; suas funções, longe de "encaixar" em conteúdos disciplinares, permanecem abertas e flexíveis frente a qualquer tipo de realidade e compreensão humanas.

Por sua vez, a relação entre literatura infantil e *bem viver*, além de estreita, é fundamental na vida das crianças; um dos exemplos que ilustra, com maior clareza, essa relação é o relato da escritora Yolanda Reyes, quando teve de recomendar um livro para que um rapaz de doze anos lesse para sua irmã, cuja vida debatia-se entre a vida e a morte em uma sala de terapia intensiva, após um bombardeio onde seus pais e a irmã mais pequena morreram. Naquele momento refletiu a autora:

[...] para que poderia servir a literatura quando a realidade fala uma linguagem tão diferente? Uma linguagem de fato, que nos deixa sem palavras, o que faz a mediação das palavras parecer inútil. Depois de pensar muito, mandei para aquela menina, como alguém que embala um kit de primeiros socorros com band-aids para câncer, um pacote de livros. E então eu soube [...] que naquela sala asséptica de terapia intensiva, entre assobios de máquinas, o irmão entrou com seus livros e sentou-se na cadeira. Ele tentou cumprimentar, e como sua irmã não queria saber de nada nem de ninguém, ele começou a ler qualquer história, qualquer uma, talvez, não importava. E dizem que a irmã não parava de virar as costas: ela não queria ouvir ninguém, nem mesmo seu irmão, até que ele se calou. Então, ela virou a cabeça e olhou para ele por fim, para indicar: "continua lendo" (REYES, 2011, p. 2, tradução nossa).

No relato acima citado, observamos o valor potencial da palavra literária no fortalecimento do vínculo humano e da empatia: a leitura é leitura porque existe alguém que escreve para alguém que lê, alguém que profere ou conta, para alguém que escuta e em ocasiões interpela. Na filosofia do *bem viver*, humanidade e empatia são princípios reitores da sua abordagem na medida em que não é possível estar *bem* se os outros estão *mal* (RUIZ *et al.*, 2016) e a literatura permite mediar esses estados. Portanto, mesmo sem poder remediar aquilo que é irremediável na realidade atual, a palavra literária - sempre viva -, conecta, contribui e faz parte integrante do nosso próprio *bem viver*; por essa razão, garantir o acesso democrático a ela é uma tarefa fundamental não apenas do âmbito educativo, mas sim do Estado e da sociedade de forma geral.

AS ARTES VISUAIS – COMO PARTE DO *BEM VIVER*

Quando falamos de artes visuais, podemos pensar na ampla e extensa gama de manifestações artísticas que vão desde as artes plásticas tradicionais (pintura, escultura, gravuras ou desenho, passando pelas artes do século XX: fotografia, *land art*, ou arte abstrata) até as artes digitais ou da nova era (PANOFISKY, 1991). Interessamos no presente texto discorrer sobre o campo das artes plásticas, especificamente a pintura e a leitura de quadros artísticos a partir de uma perspectiva da contemplação estética abordada por Padilla (2001, p.4, tradução nossa):

O conhecimento estético caracteriza-se por ser uma aproximação holística da realidade, pois na criação, contemplação e apreciação de uma obra de arte, participam ativa e simultaneamente a sensibilidade, a percepção e o pensamento, integrando-se na experiência estética o físico e o motor, o intelectual, o afetivo, o reflexivo, o individual e o social, o material com o imaterial.

Propomos a contemplação de quadros artísticos como parte fundamental do desenvolvimento do pensamento e o sentir estético das crianças, pois agudizar a sensibilidade e a percepção constituem princípios básicos para estabelecer um *bem viver* em comunidade, implica assumir ao “outro” como alguém com seus próprios tempos, espaços e subjetividades, achando nas diferenças uma possibilidade de crescimento e harmonia social.

É importante destacar que a leitura detalhada de obras artísticas, neste caso, de pinturas, implica pelo menos uma ou várias atitudes por parte do contemplador/leitor; a primeira tem a ver com o silêncio: em um primeiro encontro entre o leitor da obra de arte e a obra em si há um espaço -quase imaculado- em que o silêncio permeia o dito encontro para as percepções iniciais aflorarem no interior de quem contempla. Tais percepções podem se tratar de pensamentos, sensibilidades, emoções e inclusive comentários que verbalizam as impressões interiores. Associamos o espaço do silêncio com o que Padilla (2001, p. 4-5, tradução nossa) chama de *consciência estética*:

O contato com a arte em suas diversas manifestações promove o desenvolvimento de um tipo especial de consciência, a consciência estética. Esse tipo de consciência exercida no universo do sentido que uma obra de arte propõe, permite se não compreender, ao menos intuir a ordem e o sentido do grande cosmos ao qual pertencemos e nos aproxima das dimensões espirituais do ser humano.

Uma segunda atitude, tem a ver com a temporalidade da leitura, sem dúvida, ela pode chamar e manter ou não a atenção do contemplador. Nesse momento, ele pode focar nos detalhes da pintura, estabelecer associações e conexões com seus conhecimentos prévios, interpretar os elementos da mesma à luz desses conhecimentos ou gerar perguntas sobre aquilo que aparece como desconhecido, para Ausubel (2003) a aquisição de qualquer conhecimento, implica reconhecer a estrutura cognitiva particular onde é possível distinguir saberes procedimentais, afetivos e contextuais da criança. Por tanto, é possível afirmar que o contato com a arte pode ampliar em menor ou maior grau a bagagem conceitual e as experiências estéticas do ser humano.

Por fim, uma terceira atitude seria sem dúvida, a do diálogo: partilhar e refletir livremente o que a leitura da obra de arte gerou ao interior do observador ou manter a atitude de silêncio como possível forma de resposta.

Contudo, da mesma maneira em que Friedrich Schiller (2002) acreditava na arte como impulso eficaz do ser humano, como meio efetivo de autorrealização humana e

como revolução total da maneira de sentir, acreditamos que a leitura da obra artística contribui com o *bem viver* da humanidade e que ela é fundamental para identificar a existência ou ausência de beleza do mundo, permitindo pensar e refletir sobre como fazer dele um lugar mais belo no sentido integral da palavra.

Nessa mesma linha de pensamento, Padilla (2001, p. 4, tradução própria) afirma que “por meio da linguagem simbólica própria da arte, o ser humano tem a capacidade de exteriorizar as ideias, sentimentos e emoções, expressando sua cosmovisão nas criações”. A partir disso, é possível reconhecer que a linguagem artística favorece o conhecimento enriquecido do mundo e dos outros por meio da sensibilidade estética, que por sua vez propicia relações humanas baseadas nos princípios da alteridade.

Acreditamos, com veemência, que o acesso democrático não apenas à palavra literária, mas também a outro tipo de manifestações artísticas, contribui com infâncias leitoras, criadoras, participativas e livres. Nas palavras da pensadora Michele Petit (2019, p. 49):

Ler, mas também observar ilustrações, filmes, cantar, contar, desenhar, escrever um blog para compartilhar suas descobertas, são atividades que servem para interpor entre o real e o eu todo um tecido de palavras, de conhecimentos, de histórias, de fantasias, sem o qual o mundo seria inabitável, mesmo que vivamos em lugares bem mais clementes do que aqueles onde grupos armados se enfrentam. Servem para emprestar ao que nos rodeia uma coloração, uma espessura simbólica, poética, imaginária, uma profundidade a partir da qual sonhar, sair à deriva, fazer associações. Permite ainda constituir uma espécie de reserva poética e selvagem à qual sempre poderemos recorrer para moldar lugares em que viver, “quartos para si” nos quais pode se pensar.

Nesse sentido, defendemos a possibilidade de ler textos diversificados em sala de aula, que permitam desvelar a cosmopercepção das comunidades indígenas da América Latina em virtude das riquezas culturais e simbólicas próprias da sua tradição oral. A arte e a arte literária, além de humanizarem, permitem que as crianças tenham acesso a outras visões do mundo, tornando-o mais habitável e acolhedor para qualquer forma de *existência de um ser humano* (MUNDURUKU, 2009). Quando nos referimos a textos diversificados, aludimos a textos tanto visuais, quanto verbais e às possibilidades pedagógicas de ler estabelecendo conexões com o mundo subjetivo da criança partindo do seu conhecimento prévio.

ANÁLISE DAS OBRAS

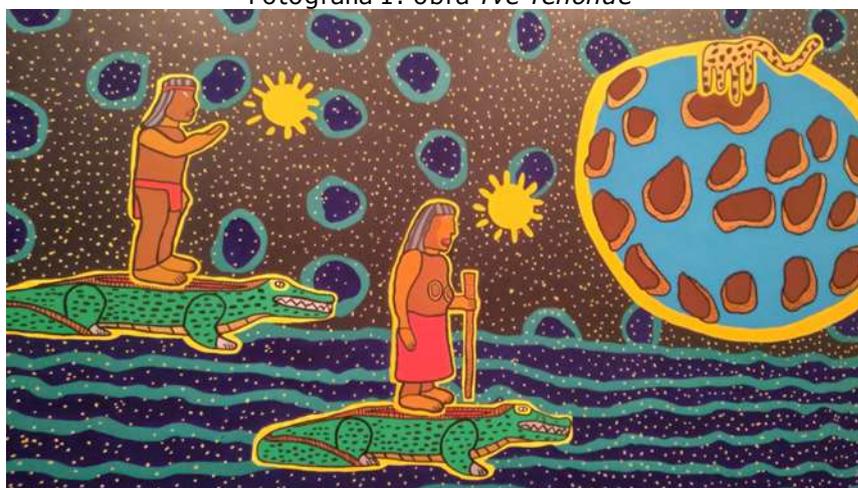
Yve Tenondé, “A primeira terra”

Os quadros do artista Xadalu Tupã Jekupe foram elaborados sob a técnica de acrílica em tela e foram exibidos em julho de 2022 durante o 37º Panorama da Arte Brasileira intitulado “Sob as cinzas, bras”, cuja proposta é a desconstrução dos paradigmas que têm sido naturalizados no Brasil a partir da colonização (MUSEU DE ARTE MODERNA, 2022). O trabalho do autor intitulado “Antes que se apague, territórios flutuantes”, é resultado do seu diálogo e contato direto com a comunidade Guarani Mbyá da qual é descendente, portanto, suas obras reivindicam a própria ancestralidade. Assim:

Grande parte de sua obra é produzida em colaboração com seu povo, em vivências nas aldeias e conversas com sábios em volta da fogueira. Sua produção como artista visual luta contra o apagamento da cultura indígena no Rio Grande do Sul e contribui para o fortalecimento das tradições guaranis. A linguagem oral praticada pelos sábios, fundamentais para a resistência e manutenção dos saberes antigos, aparecem em seu trabalho. As pinturas de Xadalu para o Panorama 2022 contam histórias e mitos sobre as cidades celestiais e a origem da terra e do fogo, tendo animais como urubus, jacarés, cobras e sapos como protagonistas (MUSEU DE ARTE MODERNA, 2022).

A partir da descrição previamente citada, propomos a análise da primeira pintura elaborada pelo artista e intitulada *Yve Tenondé*, (“A primeira terra” na sua tradução para a língua portuguesa).

Fotografia 1: obra *Yve Tenondé*



Fonte: acervo das autoras, 2022

Observamos neste quadro uma composição de tonalidades frias - majoritariamente - na qual duas pessoas, um homem atrás e uma mulher um pouco mais à frente (poderíamos inferir que são dois indígenas da comunidade Guarani Mbyá), dirigem-se para algum ponto localizado na parte direita do quadro. Eles estão em pé sobre dois jacarés navegando na água e indo na direção dos sóis que cada um tem na sua frente, na parte direita também. O homem, a mulher e os jacarés que os sustentam,

tem um contorno na cor amarela, a mesma cor dos sóis e de duas figuras que abordaremos separadamente nos próximos trechos.

Na pintura podemos apreciar vários fundos: o primeiro, completamente escuro que nos remete ao espaço vazio sem o qual não seria possível distinguir os outros elementos que sobressaem na obra; esse espaço também conforma o céu na parte superior da pintura. No segundo fundo observam-se duas tonalidades da cor azul, uma escura que representa as águas na parte inferior do quadro e moléculas da mesma suspensas no céu: tanto as moléculas, quanto as águas estão contorneadas pela cor azul clara. Tais moléculas ainda podem ser interpretadas como nuvens. O terceiro fundo são pontos amarelos distribuídos pelo quadro, os quais poderiam representar estrelas do céu que se refletem nas águas.

Vemos também no quadro, uma figura que sobressai na parte direita, trata-se de um círculo na cor azul clara, contornado na cor amarela - a mesma dos sóis e das estrelas -, com algumas manchas na cor marrom as quais conformam furos, aproximando-nos à ideia de um planeta e à possibilidade de entrar naquele lugar por algum dos furos. Na parte superior do círculo podemos observar uma figura conformada por várias curvas da cor amarela com pintas da cor marrom, sua disposição nos leva a pensar em uma girafa, mas o que podemos identificar como uma "cabeça" também nos remete a uma serpente; as cores ainda poderiam estar falando-nos de uma onça. Não obstante, levando em consideração o título da obra, *A primeira terra*, podemos atribuir o sentido de que esta grande esfera azul é o mundo e os pedaços marrons podem remeter aos continentes e às Américas. Nesse sentido, podemos inferir que o animal cuja cabeça aponta para fora do círculo pode ser um dinossauro.

Ainda, observa-se que os jacarés não têm o mesmo tamanho pois, aquele que está transportando o homem, é um pouco mais extenso do que aquele que está levando a mulher. Os dois animais também têm alguns contornos na tonalidade marrom e vermelha, isto nos aproxima a uma ideia na que eles são semelhantes a um tronco de árvore com a força e a capacidade de sustentar o peso dos humanos.

No que diz respeito ao homem e à mulher, é possível observar que embora cada um esteja em jacarés distintos, eles dirigem-se na mesma direção e estão juntos na travessia, pois a mulher tem um pequeno tronco na mão; podemos inferir que é ela quem lidera o caminho, enquanto o homem, com o olhar um pouco mais elevado, aponta com a mão avistando situações ou elementos próximos durante o percurso.

Ao que se refere às vestimentas, podemos notar que a mulher veste uma saia de cor vermelha e seu busto está acentuado com dois círculos, enquanto o homem usa

uma cueca/short na mesma cor vermelha da saia da mulher; podemos notar também que ele leva uma fita dessa cor nos cabelos acinzentados que chegam até à altura dos seus ombros, enquanto é possível observar que o cabelo da mulher é maior e desconhecemos seu comprimento.

Ao pesquisar sobre mitologia da comunidade Guarani Mbyá, é possível relacionar alguns elementos da composição artística com símbolos míticos, por exemplo as estrelas e as águas aparecem no mito da criação do universo vindo do "Sopro de Tupã" (divindade Guarani): "No princípio o deus Tupã morava no vazio, numa escuridão sem fim. Primeiro, Tupã criou o céu e as estrelas, onde fez sua morada e abaixo criou as águas" (CLARO, 2004, p.4). Nessa mesma história, o homem e a mulher aparecem como criações divinas formadas com barro; isto nos permite compreender de forma mais precisa as cores com que eles aparecem na pintura em tons de marrom.

Por outro lado, a presença dos sóis na frente de cada humano relaciona-se com a história do livro *Kuaray'i ywy rupáre oiko'i ague* que significa "A vida do sol na terra". A história começa relatando que

Nhanderu Papa Tenonde, o criador do mundo, desce à terra e se apaixona por uma mortal, Nhanderuxy, que engravida. A divindade volta ao mundo celeste, mas a mortal recusa o convite para ir junto, e fica sozinha no mundo, andando pela mata guiada pelo filho divino, Kuaray (o Sol), ainda na barriga [...] (GOYA; SILVA, 2016, p. 357).

Nesse sentido, a cor amarela que contorna os corpos humanos, os jacarés e o possível planeta, permite-nos estabelecer essa relação de unidade e "iluminação" vinda dos raios solares de Kuaray que por sua vez orienta o percurso do homem e da mulher.

No que diz respeito aos jacarés, é possível associar sua presença com o significado espiritual atribuído pelos guaranis, pois ele é conhecido como "O senhor das águas" (CLARO, 2014, p.4). Seu olhar nos adverte de um estado acutelado e cuidadoso no percurso das águas e, como mencionado previamente, eles representam a força suficiente para levar os dois humanos até ao seu destino final. Por sua vez, o destino final parece enigmático e ainda desconhecido aos nossos olhos, pois poderíamos imaginar que eles se dirigem para aquele círculo com diversos buracos que aqui chamamos de "planeta", ou talvez ele fará parte da paisagem e acompanhará sempre os dois humanos podendo se tratar da lua. Em qualquer dos casos, esse elemento ocupa uma parte significativa da composição, dando-nos a impressão de ser uma parte importante e predominante não apenas da obra, mas também das narrativas indígenas que estão por trás dela.

Ainda é importante reconhecer que dentro dos dados históricos, os Guarani, desde o início do século XX, se trasladaram em direção à costa das regiões sudeste e sul do Brasil, na busca da "Terra sem mal" (LITAIFF, 2004, p. 15), uma terra com maiores proveitos para o desenvolvimento integral da sua cultura localizada além do oceano. Portanto, podemos inferir que o círculo também pode tratar-se da dita terra pela qual o homem e a mulher estão na busca ou em um trajeto, uma viagem.

Há na composição visual um elemento que nos gera uma ligeira inquietação; é a criatura que permanece ligeiramente sobreposta em um dos buracos do grande círculo. Como mencionado anteriormente, podemos relacionar a criatura com um dinossauro, mas suas cores nos remetem para a ideia de uma onça, uma serpente ou um tigre, animais presentes na cultura Guarani. O tigre também aparece no mito do *Yvy Tenondé*, quando a alma de um, se encarnou no corpo do filho de um membro importante da comunidade chamado Kapitã Chiku.

Vemos até aqui como a pintura compõe uma ou várias narrativas visuais ao mesmo tempo que remete a histórias e simbolismos próprios daquele universo fabulado e/ou possível do qual nos fala Cândido. O quadro fala não apenas de crônicas ancestrais da comunidade indígena, mas também transporta o leitor revivendo atmosferas específicas onde os corpos celestes (que aparecem de forma separada), se fundem para contar a história; a pintura nos apresenta um ambiente equilibrado entre o claro e o escuro, entre o dia e a noite, entre o feminino e o masculino.

Por sua vez, a narrativa vai se enriquecendo cada vez mais, quando acessamos a outras fontes de conhecimento que ampliam a nossa compreensão e percepção das comunidades indígenas Guarani, permitindo uma aproximação cada vez maior e um sentir estético sensível aos olhos e às nossas percepções sobre o início do mundo.

Diante do exposto, ao relacionarmos o título da obra visual - *Yve Tenondé* -, "A primeira terra", poderíamos inferir que o casal se dirige ao mundo que está sendo criado; nesse mundo podemos perceber continentes, oceanos em formação. E o conjunto das imagens nos remete ao *bem viver*, se inferirmos que buscamos constantemente uma melhoria, uma harmonia social.

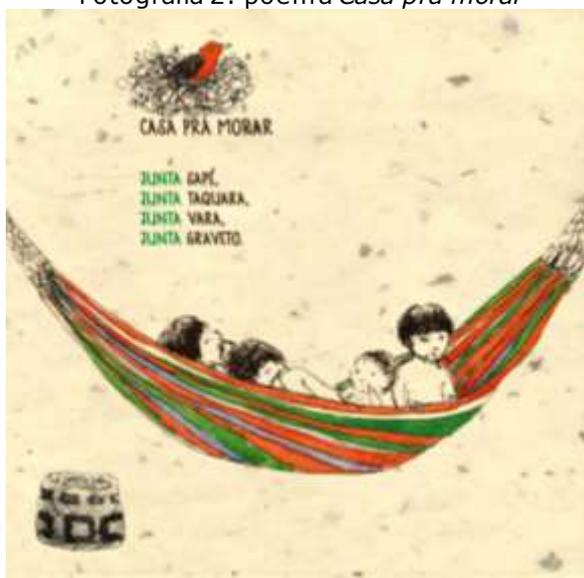
Na sequência, para efeitos do nosso exercício analítico, trazemos a abordagem do livro infantil "Poeminhas da terra".

Poeminhas da terra

“Poeminhas da terra” é uma composição literária poética de autoria da escritora Márcia Leite e a ilustradora Tatiana Móes, que traz palavras de origem Tupi em dez poemas diferentes, foi produzido no ano de 2016 pela editora Pulo do Gato. As ilustrações se fundem simbioticamente conformando uma narrativa estética que nos remete às culturas que falam a língua. De acordo com Souza (2004), os textos estéticos, como no caso da poesia, garantem às crianças, experiências imaginativas e percepção de visões diferentes de mundo a partir de vivências de sensações e emoções com ritmos diversos, sonoridades agradáveis e interações que se assemelham a uma brincadeira.

Vemos como a poesia está presente na tradição oral das comunidades humanas e seu repertório nasce com as canções de ninar, parlendas, brincos, mnemônicas, lengalengas, trava-línguas, adivinhas, cantigas de rodas, entre outras. Elas podem falar de costumes, tradições e testemunhar as formas de vida dos seres humanos, da mesma maneira da composição artística que acabamos de analisar. Em virtude disso, “Poeminhas da terra” nos apresenta elementos, símbolos e palavras originárias das comunidades indígenas Tupi-guarani em forma de versos curtos, rimas simples e repetição de sons com ênfase em algumas vogais, como é possível observar na continuação:

Fotografia 2: poema *Casa pra morar*



Fonte: acervo das autoras, 2022

Casa pra morar
Junta Sapé,
Junta Taquara,
Junta Vara,
Junta Graveto (LEITE; MÓES, 2016, p. 1)

Vemos que a palavra “junta” é apresentada na cor verde, a ilustração da página nos apresenta um passarinho no seu ninho e após o texto, identificamos a ilustração de uma série de pessoas em uma rede; na frente podemos apreciar uma sacola com formas quadradas. Poderíamos inferir que o passarinho está utilizando os elementos que se encontram dentro da sacola para construir sua morada ou que a sacola, pertencente aos membros do grupo, contém algum tipo de alimento (grão), - inclusive café -, exposto nos raios do sol.

Na parte inferior da mesma página é possível identificar uma criança com uma pessoa adulta que leva um macaco nas suas costas; tanto a criança, quanto a pessoa tem nas mãos o que comumente é conhecido como “palha”; na parte inferior aparece outro passarinho com as mesmas cores do que aparece na página inicial; isto leva-nos a pensar que poderia se tratar da mesma ave; dessa vez ela está em pé com um pequeno pedaço de uma planta ou palha que os humanos levam, como é possível observar:

Fotografia 3: poema *Junta*



Fonte: acervo das autoras, 2022

A página também nos apresenta o seguinte texto:

Junta barro,
Junta cipó,
Junta piçava,
Oca, oca, oca (LEITE; MÓES, 2016, p. 1)

Ao pesquisar cada uma das palavras apresentadas no dicionário Tupi-guarani, é possível descobrir que *sapé* é um tipo de grama, *taquara* é outro tipo de planta com folhas alongadas e que *vara* e *graveto* se referem a troncos de árvores ou lenha. Por sua vez, *barro*, provém da terra em combinação com a água; *cipó* deriva do tronco das

árvores finas e flexíveis; *piçava* é uma planta fibrosa usada na construção dos tetos das casas dos indígenas; e *oca* é o resultado da construção da morada indígena com os materiais previamente mencionados (DICIONÁRIO, S/A). Por se tratarem de folhas e pedaços de árvores, podemos inferir que a cor da palavra “junta” vem do verde desses elementos.

Assim, o significado de cada palavra nos permite uma compreensão aprofundada das rimas e as ilustrações nos falam de dois tipos de “casas para morar”, uma para os passarinhos e outra para os humanos. Enquanto a casa dos passarinhos precisa de folhas e pequenos troncos de plantas, a casa dos humanos precisa do barro e dos troncos fibrosos vindos das árvores. Em qualquer dos casos, o texto nos permite compreender não apenas que toda morada vem dos elementos proporcionados pela terra e que é preciso um processo de construção para a edificação da mesma, mas também que tanto animais, quanto seres humanos precisam de um resguardo e que os dois são igualmente importantes na coexistência.

Fotografia 4: poema *Tomando sol*



Fonte: acervo das autoras, 2022

Vemos na página previamente exposta, duas serpentes, uma de cor laranja com um leve fundo escuro de formas em sequência, que nos permite imaginar seu percurso pela página, pois está na parte esquerda, indo em direção à direita, e outra preta com a cabeça na parte inferior da página indo também em direção à direita, ela tem formas

triangulares e seu fundo é da mesma cor da página que se assemelha a uma tonalidade bege. Observamos ao lado das serpentes uma tartaruga com as mesmas cores da última serpente descrita, com formas quadradas em sequência, dirigindo-se em diagonal a um jacaré. Ele está indo na direção superior da página, é de cor verde e seu membro inferior direito é azul, o que nos dá a impressão de que ele está saindo da água pois por baixo dele, observamos a metade do corpo de um sapo, pulando e saindo da cena apresentada. O texto da página contém os seguintes versos:

No capim, de papo para o ar
A jararaca,
O jabuti,
A jiboia,
O jacaré (LEITE; MÓES, p. 11)

Por baixo da tartaruga o texto continua:

Cadê a perereca?
Pulou de fora (LEITE; MÓES, p. 11)

Identificamos no primeiro parágrafo cinco palavras de origem tupi: *capim*, *jararaca*, *jabuti*, *jiboia* e *jacaré*. Ao buscar no dicionário da língua tupi cada palavra, é possível reconhecer que *capim* faz referência à grama ou a um certo tipo de planta, *jararaca* é a serpente, *jabuti* é a tartaruga, *jibóia* é outro tipo de serpente e o *jacaré* é a espécie de réptil da cor verde. Ainda encontramos a palavra *perereca* na cor laranja nos versos posteriores, trata-se do sapo que também tem a mesma cor da palavra.

Nas outras páginas do livro a dinâmica continua entre palavras e ilustrações; tanto no início da obra, quanto no final, observamos uma ilustração composta com diferentes animais quase entrelaçados:

Fotografia 5: primeira página da obra

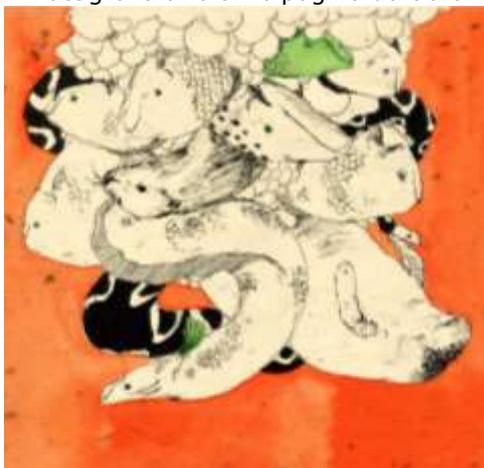


Fonte: acervo das autoras, 2022

Identificamos entre os animais alguns peixes, jacarés, a serpente, o golfinho, um tatu, uma onça, um javali e uma anta. Observamos também que a ilustração tem uma continuidade na parte inferior do livro distinguindo os peixes, uma capivara, uma foca

e outra serpente. Inferimos que a “espuma” que aparece no meio se assemelha com a espuma das ondas do mar, os animais mais próximos dela são anfíbios, enquanto gradualmente vão aparecendo outros mais terrestres como o caso do javali e a onça, cujos olhares se dirigem para o exterior. A posição do golfinho nos lembra do seu salto, pois seu olhar se dirige para o alto da imagem.

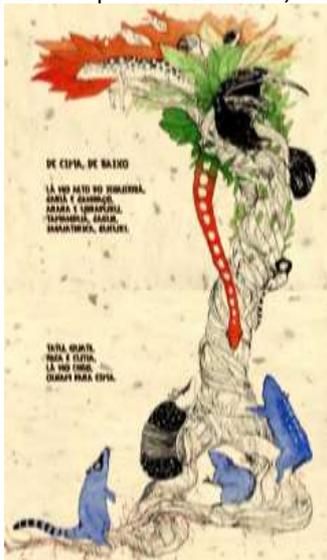
Fotografia 6: última página da obra



Fonte: acervo das autoras, 2022

Podemos notar que a serpente preta se encontra ao longo da ilustração e que sua cabeça se junta com sua calda. A imagem nos chama bastante a atenção em virtude da sua posição e dos animais que aparecem na parte superior e inferior, eles se entrelaçam conformando uma figura mais geral que nos lembra o tronco de uma árvore, pode se tratar do *Jequitibá* pois ele aparece como referência em uma das páginas da obra:

Fotografia 7: poema *De cima, de baixo*



Fonte: acervo das autoras, 2022

Os versos da página também nos apresentam o nome de cada um dos animais presentes na ilustração na língua Tupi; observamos que há uma ampla variedade de espécies em uma árvore só, o que nos leva a pensar na diversidade do mundo: um lugar onde há um espaço para cada ser e *forma de ser*.

Assim, ao estabelecer a conexão entre a obra artística (a pintura) e a obra literária, podemos notar que elas apresentam uma narrativa ancestral dos povos Guarani, carregada de simbologias e visões do mundo diversas e amplamente ricas. Enquanto a pintura conta por meio de símbolos pontuais, narrativas e significações dos povos, a obra literária amplia nosso esquema conceitual permitindo ao leitor acessar esteticamente às raízes de algumas palavras que hoje em dia são usadas e cuja procedência se desconhece.

Por sua vez, os animais são parte essencial das obras, particularmente no livro infantil. Vemos que os jacarés e as onças (ou serpentes e dinossauro no caso da pintura) se encontram como ponto em comum e que a forma de nomear cada animal, diz muito a respeito da forma como os povos ancestrais se relacionam com a natureza.

Se na pintura o homem e a mulher estão à procura - ou encontro - da "Terra sem mal", no livro eles já se encontram dentro dela, pois é inegável que existe um tipo de vida desde o que chamamos o *bem viver*, um viver em liberdade segundo os costumes da aldeia e segundo uma forma de relação harmoniosa com todos os seres que habitam nela.

Fotografia 8: ilustração *Eu posso brincar também?*



Fonte: acervo das autoras, 2022

As obras nos permitem voltar nos tempos e espaços da ancestralidade para pensar nosso presente, por sua vez representam "uma mensagem de amor pela Mãe Terra, de apego às raízes ancestrais transmitidas pelos rituais; um profundo respeito pela natureza, buscando caminhar com ela por meio de um povo, como uma mãe

amorosa que sempre alimenta seus filhos” (MUNDURUKU, 2009, p. 28). A simbologia mitológica do quadro também nos permite mergulhar por outras subjetividades apresentando-nos outros textos e outras atmosferas importantes na hora de pensar mundos possíveis erigidos nos marcos do *bem viver*.

PARA BEM VIVER EM SALA DE AULA

Abordamos uma proposta metodológica para ser aplicada em sala de aula para crianças entre os 4 e 5 anos de idade. Escolhemos essa faixa etária com a finalidade de escutar e partir dos conhecimentos prévios do público infantil, não obstante o(a) professor(a) ter plena liberdade de realizar modificações de acordo com as particularidades e características dos grupos com os quais trabalha.

Inicialmente, podemos sugerir a leitura de uma das pinturas do artista Xadalu Tupã Jekupe. Na presente proposta trazemos a intitulada *Tatá Piriri* cujo significado tem a ver com o fogo ou fogueira.

Fotografia 9: obra *Tatá Piriri*



Fonte: acervo das autoras, 2022

Durante o período de observação e leitura da obra, podemos registrar/anotar as impressões ou percepções das crianças mediadas por perguntas pontuais como observa-se no quadro a seguir:

Quadro 1 – Percepções das crianças

Que título você daria para a pintura?	
Sobre que poderia se tratar?	
Te gera algum sentimento, emoção ou lembrança? Qual?	
Outras anotações	

Fonte: elaborado pelas autoras, 2022

Interessa-nos que as crianças outorguem um título para a obra, pois isto nos permite uma aproximação mais precisa a seus conhecimentos prévios e a forma em que cada uma observa os elementos da pintura; o quadro permite-nos conhecer também suas inferências e a forma como a pintura é lida por elas. A seguir, podemos formar uma roda de conversa para compartilhar as anotações do quadro de forma livre.

Na segunda parte da proposta, trazemos a leitura do livro “Poeminhas da terra”; podemos escolher um ou mais poemas para estabelecer conexões entre o texto visual (a pintura e as ilustrações do livro) e o texto verbal, a fim de aumentar o entendimento da criança e levá-la a pensar sobre situações mais amplas e expansivas que vão além do universo, da casa ou até mesmo, da instituição de educação infantil (GIROTTTO; SOUZA, 2010).

Nesse sentido, trazemos o poema “Na cuia”, cujo texto é composto pelos seguintes versos:

Jenipapo
com açaí.
Pitanga
com guaraná.
Pequi
com abacaxi
Jaboticaba
com cajá (LEITE; MÓES, p. 13)

Fotografia 10: poema *Na cuia*



Fonte: acervo das autoras, 2022

Propomos a leitura do poema trazendo sons (gravações disponíveis na internet) típicas de aves, evocando o barulho que elas fazem durante o voo ou quando se

alimentam. Também podemos levar para a sala de aula alguns dos alimentos que o texto resgata e ler o poema com musicalidade. Em seguida, perguntamos para as crianças quais das palavras do poema são conhecidas para elas, o que elas inferem da cena apresentada ou também é possível levar os significados das palavras em pequenos papéis para elas associarem as definições. Este modelo de atividade com significados, pode inclusive se configurar em um jogo elaborado pelo(a) professor(a).

Posteriormente podemos apresentar novamente a pintura artística para as crianças e elas podem escrever ou apenas enunciar os elementos que acharam em comum entre os dois textos (verbal e visual). Nesse momento elucidamos o título real das obras, o autor, a técnica com que a pintura foi elaborada, e aprofundamos nos elementos simbólicos da mesma, trazendo trechos curtos de textos mitológicos das comunidades Guarani ou inclusive trazendo palavras que estão imersas na obra literária.

Por meio de uma roda de conversa, podemos convidar as crianças a ouvirem a leitura dos pequenos trechos mitológicos, ou ainda lermos livremente os versos do livro para elas, também podemos perguntar pelos elementos que mais chamaram a atenção tanto da pintura, quanto do livro. Nessa etapa, é possível sinalizar em um mapa alguns pontos onde se encontram localizadas as comunidades Guarani conversando um pouco sobre seu lugar no mundo em relação ao lugar no mundo de cada criança e refletindo sobre a coexistência e formas de habitar a terra.

Por fim, na roda de conversa podemos perguntar para as crianças o que significa “viver bem” para cada uma; é possível criar um mural de ideias para “viver bem” nas instituições de educação infantil e o(a) professor(a) pode sugerir a leitura de mais obras para continuar ampliando os seus repertórios estéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida, o acesso consciente e diversificado a múltiplas fontes artísticas e literárias desde os primeiros anos de vida, contribui para uma educação livre, aberta, plural e inclusiva. Assim, não basta com abordar teoricamente as vertentes e ideais antirracistas, pois é fundamental concretizar práticas permeadas por esses ideais. Por sua vez, destacamos que sem pretensões prescritivas, compartilhamos uma proposta metodológica com a finalidade de estabelecer diálogos entre o texto verbal e o visual, concebendo a possibilidade de nos aproximar mais das visões do mundo dos povos Guarani. Isto, por sua vez, contribui para a concretização de práticas inclusivas a partir de uma perspectiva do respeito e da alteridade pois, interessa-nos ir da teoria à prática.

Nesse sentido, é importante destacar que o reconhecimento da língua Tupi favorece a consciência linguística, pois muitas palavras da língua portuguesa, usadas comumente, tem sua gênese no trânsito de palavras de origem indígena; nesse sentido, a proposta permanece aberta e flexível para que o(a) professor(a) possa usufruir, se não de toda a atividade, pelo menos de elementos significativos ou que estes possam inspirar sua prática.

Observamos por outra parte que as obras artística e literária nos remetem às coisas fundamentais ou básicas da vida como as formas de nomear o mundo, pensá-lo e significá-lo, a aldeia, os alimentos da terra, a morada, os animais, o homem e a mulher constituem alguns dos seus elementos. Portanto, a instituição de educação infantil pode se tornar um lugar ideal não apenas para voltar para essas questões por meio do acesso diversificado a fontes de expressão e manifestação artística, mas também para potencializar um sentir e pensar estético que contribua com formas de vida onde cada um tem a possibilidade de *ser* e habitar no mundo livremente, isto é a possibilidade de *bem viver*.

Nesse sentido, o *bem viver* não se trata de uma filosofia estática que reside no pensamento de algumas comunidades indígenas, resgatamos algumas das suas contribuições básicas para pensar a arte e arte literária infantil à luz dos seus princípios básicos e o acesso livre a elas como parte do *bem viver* das crianças, pois é o que nos interessa como professoras(es).

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David. **Aquisição e retenção de conhecimentos:** uma perspectiva Cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BOLÍVIA. **Constitución** (2009). Constitución Política del Estado Plurinacional de Bolivia. El Alto. Disponível em: <<https://ftierra.org/index.php/generales/14-constitucion-politica-del-estado#:~:text=Ley%20Fundamental%20del%20nuevo%20Estado,abrogatoria%20y%20una%20disposici%C3%B3n%20final>>. Acesso em: 29 ago. 2022

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, p. 171-193, 2011.

CASTRILLON, Silvia. El derecho a leer y a escribir. *In:* Seminario Internacional de Fomento de la Lectura. 9., 2002, México. **Anais** [...]. México: Fondo de Cultura Económica, 60 p., 2002.

CLARO, Regina. **Encontros de história: do arco-íris à lua, do Brasil à África**. São Paulo: Cereja, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/DELL/Downloads/110272-Texto%20do%20artigo-198106-1-10-20160126.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2022

CLARO, Regina. **Dicionário ilustrado Tupi Guarani**. Disponível em: <<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

ECUADOR. **Constitución** (2008). Constitución de la República de Ecuador. Quito: Registro Oficial 449. Disponível em <https://www.oas.org/juridico/pdfs/mesicic4_ecu_const.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2022

GIROTTI, Cintya Graziella Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira de. *et al* (Org). **Ler e compreender: estratégias de leitura**. 1. Ed. Campinas: Mercado de letras, p. 45 – 104, 2010.

CASTRILLON, Silvia. El derecho a leer y a escribir. *In: Seminario Internacional de Fomento de la Lectura*. 9., 2002, México. **Anais** [...]. México: Fondo de Cultura Económica, 60 p., 2002.

GOYA, Claudio; SILVA, Bruno Müller da. A vida do sol na terra: desenvolvimento de personagens a partir de elementos da cultura Guarani-Mbya. *In: CONGRESSO BRASILEIRO EM PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN*. 12., 2016, Brasil. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Blucher Design Proceedings, 11 p., 2016.

LEITE, Márcia; MÓES, Tatiana. **Poeminhas da terra**. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.

LITAIFF, Aldo. Os filhos do sol: mitos e práticas dos índios Mbyá-Guarani do litoral brasileiro. **Tellus**. Campo Grande, v. 4, n. 6, p. 15-30, abr. 2004. Disponível em: <<https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/76>>. Acesso em: 29 ago. 2022

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO, *Sob as cinzas bras*, São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2022.

PADILLA, Alfonso. El Pensamiento Didáctico en la Educación Artística: reto en la formación de profesores. *In: ENCUENTRO LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO SOBRE ENSEÑANZA ARTÍSTICA*. 7., 2001, La Habana. **Anais** [...]. Santiago de Chile: Pontificia Universidad Católica de Chile, 23 p., 2001.

PANOFISKY, Erwin. **O significado nas artes visuais**. 3. ed., São Paulo: Perspectiva, 1991

PETIT, Michèle. **Lendo o mundo: experiências de transmissão cultural hoje**. 1. ed. Rio de Janeiro: editora 34, 2019.

REYES, Yolanda. Escribir para los más jóvenes en Colombia. *In*: JORNADAS IBEROAMERICANAS DE LITERATURA INFANTIL Y JUVENIL. 2., 2011, Barcelona. **Anais [...]**. Barcelona: Fundación Cuatro Gatos, 2011. 7 p.

RUÍZ, René Patricio Cardoso *et al.* Elementos para el debate e interpretación del Buen vivir/Sumak kawsay. **Contribuciones desde Coatepec**, México, n. 31, p. 137-162, jun./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/281/28150017005/html/>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. Epistemologias del sur. **Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social**, Venezuela, n. 54, p. 17-39, jul./sep. 2011. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/EpistemologiasDelSur_Utopia%20y%20Praxis%20Latinoamericana_2011.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SCHILLER, Friedrich. **Educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SOUZA, Renata Junqueira de. Leitura e alfabetização: a importância da poesia infantil nesse processo. *In*: SOUZA, R. J (org.). CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR. São Paulo: DCL, 2004. p. 62-78.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

ENTRE TINTAS, PALAVRAS E PERCEPÇÕES ÉTNICAS: RECONHECIMENTO DA CULTURA GUARANI NA PERSPECTIVA DO BEM VIVER

Between paints, words and ethnic perceptions: recognition of Guarani culture from a well-being perspective

María Paula Obando Rodríguez

Licenciada em Pedagogia Infantil
Universidad Distrital Francisco José de Caldas
Facultad de Ciencias y Educación – UDFJC
Bogotá, Colombia.
Mestranda em educação
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Campus de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP
Presidente Prudente, SP, Brasil
mpaula405@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6121-625X>

Renata Junqueira de Souza

Livre docente
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Campus de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP
Presidente Prudente, SP, Brasil.
Professora visitante
Programa de Pós-graduação em educação –
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP
Minas Gerais, Brasil
renata.lit.junqueira@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2227-2544>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Felipe Carnevale, 69, 19060220, Presidente Prudente, SP, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à coautora a Prof.^a Dra. Renata Junqueira de Souza, sem a qual não teria sido possível a realização deste artigo.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: M. P. O. Rodríguez, R. J. Souza

Coleta de dados: M. P. O. Rodríguez, R. J. Souza

Análise de dados: M. P. O. Rodríguez, R. J. Souza

Discussão dos resultados: M. P. O. Rodríguez, R. J. Souza

Revisão e aprovação: M. P. O. Rodríguez, R. J. Souza

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Bolsista

Fundação de Amparo à pesquisa – FAPESP

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 31-08-22 – Aprovado em: 25-01-23